

## A representação da transexualidade no programa Profissão Repórter<sup>1</sup>

Ana MARTINS<sup>2</sup>

Hannah CLITON<sup>3</sup>

Hendryo ANDRÉ<sup>4</sup>

Universidade Positivo, Curitiba, PR

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a representação de pessoas transexuais no programa Profissão Repórter sobre transexualidade, veiculado no dia 18 de novembro de 2014 na Rede Globo. Apesar de terem conquistado certos direitos, as pessoas trans\* (termo usado no sentido mais amplo possível, incluindo transexuais, transgêneros, travestis e demais identidades) ainda vivem à margem da sociedade e são, na maioria das vezes, retratadas de maneira exótica e sensacionalista na mídia, principalmente a televisiva. A análise desta edição do Profissão Repórter evidenciou esses problemas na abordagem com relação a pessoas trans\*, mostrando que o jornalismo é um reflexo dos preconceitos e estereótipos presentes no senso comum. Para isso, utilizaremos os métodos de análise de imagem e análise do discurso para discutir as escolhas do programa em retratar pessoas transexuais e seus cotidianos.

**PALAVRAS-CHAVE:** mídia; transexualidade; Profissão Repórter; gênero; representação.

### INTRODUÇÃO

A transexualidade coloca em xeque questões que parecem básicas para todas as pessoas, como: o que define um homem? O que define uma mulher? É possível “mudar” de sexo? Teóricos como Michel Foucault e Judith Butler, por exemplo, dizem que sexo é diferente de gênero. Enquanto o primeiro é definido pela fisiologia do indivíduo, o segundo é definido mais tarde e não tem relação com orientação sexual.

Por volta de 1990, a teoria *queer* começou a se consolidar. O termo foi cunhado por Teresa De Laurentis, que se apropriou de uma palavra com significado negativo e passou a associá-la a estudos do poder da sexualidade e da desconstrução de gênero. A

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UP, email: [a26martins@gmail.com](mailto:a26martins@gmail.com).

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UP, email: [hannahcliton@gmail.com](mailto:hannahcliton@gmail.com).

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UP, email: [hendryoandre@gmail.com](mailto:hendryoandre@gmail.com).

socióloga Berenice Bento é uma das referências em estudos *queer* no Brasil, e traduz a expressão da seguinte forma:

A expressão *queer* significa esquisito, ridículo, estranho, adoentado, veado, bicha louca, homossexual. Os estudos *queer* invertem seu uso e passa a utilizá-la como marca diferenciadora e denunciadora da heteronormatividade englobando gays, lésbicas, transexuais, travestis e transgêneros. Os estudos *queer* habilitam as travestis, as *drag queen*, os *drag king*, os/as transexuais, as lésbicas, os gays, os bissexuais, enfim, os designados pela literatura médica como sujeitos transtornados, enfermos, psicóticos, desviados, perversos, como sujeitos que constituem suas identidades mediante os mesmos processos que os considerados "normais" (BENTO, 2009, p. 06).

A teoria *queer* propõe que gênero é uma construção social, feita a partir de padrões predeterminados pela sociedade em que o indivíduo é inserido. Assim, segundo essa teoria, o gênero com que uma pessoa se identifica não é determinado pela sua fisiologia, mas por filtros sociais. Partindo desse conceito, há a definição de transexuais, travestis e transgêneros, sob o termo guarda-chuva *trans*<sup>5</sup>, que busca abranger essas pessoas, ou ainda a sigla LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros).

Na área médica, a OMS (Organização Mundial da Saúde) enquadra a transexualidade como uma doença, chamada “Transtorno de Identidade de Gênero”. A dita patologia é considerada um “transtorno de identidade” por não coincidir gênero e sexo. A psiquiatria e a psicanálise estudam esse fenômeno, que também é apontado como um tipo de psicose, segundo Jacques Lacan e psicólogos lacanianos. Essa conclusão parte de uma matriz heteronormativa que procura estabelecer razões biológicas ou psíquicas para conceitos intrinsecamente subjetivos.

O Transtorno de Identidade de Gênero pode ser tratado com o uso de hormônios ou da cirurgia de redesignação sexual. Mas nem todos os indivíduos se identificam com o binário masculino/feminino, e nem sempre desejam alterar o próprio corpo. Assim são as travestis, um grupo à margem da sociedade que muitas vezes é ridicularizado na mídia.

---

<sup>5</sup> O asterisco na frente de “trans” é usado para transformar a palavra em um termo guarda-chuva para englobar todas as pessoas não-binárias. O objetivo é incluir e fazer com que todas as pessoas se sintam representadas, independentemente da maneira como se identificam. O uso do asterisco pode ser controverso na comunidade trans, mas aqui foi adotado como termo guarda-chuva, para incluir as pessoas que, de alguma forma, se identifiquem. Em momento algum nossa intenção é excluir ou impor algo, pelo contrário, o uso do asterisco terá como objetivo abranger todas as identidades não-binárias, respeitando todas as pessoas e suas identidades.

Mesmo sob o termo guarda-chuva (que busca abranger uma ampla quantidade de significados) trans\*, transexuais, travestis, transgêneros, entre outros, têm características diferentes entre si, e devem ser tratados dessa forma.

As pessoas transexuais sempre foram consideradas invisíveis, e sua representação na mídia também sempre foi restrita e estereotipada. Na maioria das vezes, pessoas transexuais são caracterizadas, de maneira pejorativa, como travestis ou gays, sem importar o fato de que há mulheres e homens transexuais que se identificam como heterossexuais. Além da ridicularização, há o problema do uso dos pronomes de acordo com o gênero do indivíduo, e de perguntas invasivas. Em uma pesquisa feita em 2013 por Jaqueline Gomes de Jesus para o trabalho “Crianças trans: memórias e desafios teóricos”, a autora escreve:

Com relação à lembrança de quantos anos tinham quando, pela primeira vez, teriam sentido que a sua identidade de gênero estava em desacordo com a designada socialmente, configurando-se assim a idade da epifania, os respondentes indicaram uma idade média entre 6 e 7 anos (média igual a 6,75), com moda (valor mais frequente) de 5 anos, idade mínima de 4 e máxima de 12 (JESUS, 2013, p. 05).

Tais situações só mostram que, apesar do conhecimento individual sobre sua identidade de gênero, ainda existem certos temores e problemas em situações onde é necessário expor isso a outras pessoas, de maneira mais ampla e com maior visibilidade. Outra situação que ainda gera confusão e pode ofender pessoas transexuais é relacionar a identidade de gênero com orientação sexual – que corresponde à atração que determinado indivíduo sente por outro, e não tem relação com sexo ou gênero. O termo mais usado para se referir ao preconceito e aversão contra pessoas transexuais é transfobia, pois é relacionado ao gênero, e não à orientação sexual, como a homofobia.

O termo homofobia normalmente é usado para designar todas as formas de preconceito contra pessoas do grupo LGBT, mas na realidade a diferença de gênero, identidade e orientação sexual faz com que seja necessária a distinção. Homofobia é relacionada apenas ao ódio e preconceito contra gays; lesbofobia para caracterizar preconceito a mulheres lésbicas; bifobia para indivíduos bissexuais; e transfobia se refere à aversão a travestis, transexuais e transgêneros.

A imprensa realiza um trabalho ambíguo quando o tema em pauta são homossexuais, transgêneros e homofobia. Em uma pesquisa feita em 2005 para o livro “Política, direitos, violência e homossexualidade”, na Parada Gay de São Paulo, 72,1% dos entrevistados afirmaram haver sofrido discriminação por conta de sua identidade e orientação sexual. No ano seguinte, o professor do Departamento de Psicologia da UFMG, Marco Aurélio Prado, realizou uma pesquisa na Parada Gay de Belo Horizonte e apurou que apenas 19% dos ali presentes confiavam na imprensa de modo geral. Porém a mídia ainda se mostrou com maior credibilidade do que a polícia (4,6%), o Congresso Nacional (6,6%) e a Justiça (8,9%). O percentual daqueles que pouco confiavam na imprensa foi de 43%, mas, para que se explique o motivo desses números, é preciso levar em conta que o jornalismo vive de notícias, positivas ou negativas. Assim, sua credibilidade pode ser atribuída ao fato de ser realizada uma cobertura considerada boa nos casos de homofobia e na divulgação de eventos da “cultura LGBT”. Desta maneira o jornalismo daria a visibilidade necessária, tanto para casos de violência, quanto para a luta pelos direitos das pessoas. O que também sugere pouca confiabilidade no meio seriam as omissões de alguns casos de preconceito e agressões contra homossexuais, bissexuais, transgêneros e travestis.

As questões que constroem o tratamento de informações sobre temas que geram discussões vão desde a identidade do veículo analisado, seu posicionamento em relação ao movimento LGBT, seu relacionamento com o público e também, de certo modo, a forma como o próprio jornalista trata o tema. A forma como a homofobia já está presente na sociedade brasileira traz grandes desafios à representação do assunto na mídia. Mesmo que um veículo tenha assumido uma postura em relação ao movimento LGBT, sendo contrária ou favorável, o jornalismo não fica imune às tensões geradas pelo diálogo sobre gênero e sexualidade no país de maneira geral, muito menos quando a homofobia é envolvida. O modo como essas notícias e reportagens relativas a esse público são tratadas foi o principal motivo para a escolha do episódio sobre transexualidade no programa Profissão Repórter. Iremos analisar a forma como o tema foi tratado, quais erros foram cometidos e seus méritos em relação a outros programas.

## PROFISSÃO REPÓRTER

O programa Profissão Repórter, exibido semanalmente na Rede Globo desde 2008, é uma referência no jornalismo investigativo televisivo. O objetivo do programa é mostrar os bastidores do jornalismo e abordar temas atuais e muitas vezes polêmicos. Cada repórter aborda um ângulo da notícia, e busca não só aprofundar o assunto, mas também ser transparente com o público quanto aos bastidores da reportagem. Assim, os espectadores ficam sabendo como foi a apuração prévia, a divisão da pauta, conversas entre repórter e cinegrafista, entre outras características que não estão presentes no jornalismo diário. Com o passar do tempo, o programa consolidou uma imagem de referência, que se deve em grande parte por estar associado ao nome de Caco Barcellos, editor do programa e jornalista experiente. Se comparado com os outros repórteres, fica evidente que o papel de Barcellos é diferente dos demais, pela sua posição e experiência com jornalismo investigativo. Mesmo quando assume a reportagem de um segmento da edição, a imagem demonstra a diferença entre Barcellos e os repórteres.

O Profissão Repórter é uma das maiores referências em jornalismo investigativo na televisão, mas também atinge a área do entretenimento, conforme aponta Thiago Emanuel Ferreira dos Santos Gomes (2011). A questão do entretenimento no Profissão Repórter se dá por meio de características como a linha narrativa que é mantida do começo ao fim, e por não se preocupar com as chamadas *hard news*. Da mesma forma, os recursos audiovisuais do programa são típicos do entretenimento, e colocam o repórter como personagem da reportagem. O objetivo é mostrar “Os bastidores da notícia. Os desafios da reportagem”, como diz o *slogan*, mas de uma maneira quase interpretada.

Na abertura de todas as edições do programa, o *Profissão Repórter* já mostra várias das estratégias do *storytelling* utilizadas por ele. Através de uma narrativa, mostrando mais um elo de ligação com o entretenimento, ele apresenta os personagens, e introduz partes das histórias daqueles personagens. O texto é acompanhado por determinados enquadramentos de câmera que ressaltam a emoção dos personagens. (...) Em seu interior, os repórteres adotam esta mesma estratégia ao contar as histórias das pessoas ali envolvidas nas frentes de reportagem e eles mesmos são colocados na posição de personagens, seja pelos discursos utilizados por Caco Barcellos, seja por situações em que eles mesmos contam o que aconteceu com eles no decorrer da produção da matéria (GOMES, 2011, p. 180).

Assim, segundo Gomes (2011), Caco Barcellos assume o papel de narrador onisciente, enquanto os demais repórteres são os narradores personagens da história que está sendo contada. Porém, na edição sobre transexualidade, Barcellos também é um dos narradores personagens que se envolvem com os entrevistados. Aos 7'00", ele conta que conhecia Laerte desde 1977, antes da transição. Dessa forma, sua relação com a entrevistada interfere na maneira de contar a história. Há uma familiaridade entre os dois e até um desconforto, por ser a primeira vez que Barcellos conversa com Laerte desde que ela assumiu sua identidade feminina. Se outro dos repórteres-personagem tivesse entrevistado a cartunista, o resultado provavelmente seria diferente, principalmente por não haver a relação que há entre Laerte e Caco Barcellos.

No entanto, apesar do seu reconhecimento, o programa sobre transexualidade, exibido no dia 18 de novembro de 2014, não foi bem recebido pelas pessoas trans\*. Muitas dessas pessoas se manifestaram nas redes sociais contra a abordagem escolhida pelo programa<sup>6</sup>. O enfoque da reportagem realizada pela equipe do Profissão Repórter é em como algumas pessoas trans, de diversas idades, “descobriram” e “convivem” com a própria transexualidade. Mas houve alguns problemas tanto na forma com que os entrevistados trans\* foram retratados quanto na própria abordagem escolhida pelos repórteres.

Na análise apresentada a seguir, pretendemos apontar tanto os equívocos quanto os méritos da representação que o programa Profissão Repórter fez das pessoas transexuais. Como um grupo que não é frequentemente retratado na mídia em geral, é comum que os jornalistas e apresentadores não saibam como se referir a essas pessoas ou qual a melhor forma de representá-las. A partir de estudos sociológicos, psicológicos e da própria experiência de pessoas trans\*, nosso objetivo é ajudar na construção de uma imprensa mais

---

<sup>6</sup> Daniela Andrade, blogueira e ativista transexual, escreveu um texto em seu Facebook pessoal no dia 19 de novembro de 2014, um dia após a exibição do programa. No texto, Daniela diz que o programa pode ter sido ótimo para quem não é transexual. "Para a maioria das pessoas não transexuais, o programa de ontem foi o máximo, mas o que esperar de pessoas criadas em uma sociedade cissexista dizendo que um programa cissexista foi o máximo? Viver na nossa pele é ter que responder o tempo todo perguntas do tipo: 'mas quando você virou mulher?', como se houvesse conosco uma mutação ou um belo dia, olhando o espelho, tivéssemos decidido virar alguma coisa, e detalhe, coisa essa que a sociedade inteira repudia", escreveu. E não foi difícil encontrar pelas redes sociais quem concordasse com Daniela. Diversos blogs, dos mais diversos grupos sociais, repostaram o texto e se mostraram contrários à forma como o tema foi exposto no programa. Ainda em seu texto, Daniela Andrade se atém às situações que deveriam ter sido exibidas e que, assim, tratariam de maneira correta o tema em questão. Desemprego, prostituição, estereótipos explorados pela mídia, assassinatos e falta de respeito são alguns dos temas presentes no dia-a-dia de uma pessoa transexual, mas que não foram abordados no programa.

democrática e que alcance todos os setores da sociedade com o devido respeito e representação digna.

De acordo com Ciro Marcondes Filho, em seu livro “Televisão: a vida pelo vídeo”, ele concorda com Goodlad ao dizer que os meios de comunicação de massas confirmam as opiniões do senso comum, atuando “como forças conservadoras”. Isso explica, de certa forma, a maneira com que as pessoas trans\* foram representadas no Profissão Repórter. Como um programa direcionado à massa de pessoas cissexuais<sup>7</sup> e feito por pessoas cissexuais, é comum que haja erros de representação.

A ordem social vigente é defendida através dos distúrbios sociais, que transmitem a sensação de que há, portanto, atrás deles, uma coerência moral na sociedade. A grande popularidade de peças, filmes, novelas e histórias criminais de caráter moralista comprovam a hipótese de Goodlad de que as pessoas assistem a esses programas para reforçar nelas mesmas a consciência das normas sociais e a consciência dos grupos a que pertencem (MARCONDES FILHO, 1988, p. 83).

Também buscou-se entender por que as pessoas transexuais não se sentiram representadas durante a reportagem e qual seria a maneira ideal de retratá-las.

## **NOS BASTIDORES DA TRANSEXUALIDADE**

Na edição do programa Profissão Repórter sobre transexualidade, analisada neste artigo, existiram algumas situações desagradáveis para os entrevistados. Durante o programa, a repórter Eliane Scardovelli visitou crianças transexuais, nos estados do Maine e Kansas, nos Estados Unidos. Já no começo da reportagem uma situação chama atenção, Jay, o filho transexual da família do Maine, se mostra totalmente desconfortável com a presença da equipe em sua casa, ele chora e diz para a mãe que não quer falar sobre sua condição, porém tudo isso é gravado e exibido, o que, para toda a comunidade LGBT, foi uma situação de exposição do garoto. A repórter conversa com o repórter cinematográfico e ambos decidem que vão esperar até Jay estar pronto para falar sobre o assunto, porém

---

<sup>7</sup> Cissexual ou cisgênero é a pessoa cujo gênero é o mesmo que foi designado em seu nascimento.

continuam filmando momentos onde o menino se mostra totalmente desconfortável com a presença da câmera.

Indo mais adiante, o programa usa o recurso de uma animação na tela para fazer a diferenciação entre uma pessoa cissexual e uma pessoa transexual (PROFISSÃO REPÓRTER, 2014, 4'23''). No programa, a voz em *off* da repórter Danielle Zampollo diz: “Cisgênero é quando a pessoa nasce homem ou mulher e assim se sente. E transgênero ou transexual é quando a pessoa nasce homem ou mulher mas se identifica com o gênero oposto”, enquanto aparece na tela uma animação com a ilustração de um boneco masculino em azul e uma boneca feminina em rosa. A definição foi bastante simplificada, justamente para ser fácil de o público assimilar, e foge de erros habituais como a confusão entre sexo e gênero. Mas acaba reproduzindo o senso comum de que a cor azul deve ser somente ligada ao que remete ao gênero masculino, e o rosa entra para marcar o feminino. Apesar de limitador, esse padrão é enraizado na sociedade e introjetado em crianças desde seu nascimento, e a ideia de que meninas usam rosa e meninos usam azul são apresentadas como naturais, porém são construções sociais – assim como gênero.

Outro exemplo dessas questões que, muitas vezes sem intenção, acabam afetando o indivíduo trans\*, é a entrevista da repórter Danielle Zampollo com o coordenador do Ibrat (Instituto Brasileiro de Transmasculinidade), Luciano Palhano, um homem transexual. Ela é cautelosa com relação aos pronomes corretos, mas erra ao perguntar “Seu nome de registro, qual é?” (PROFISSÃO REPÓRTER, 2014, 5'26''). O entrevistado fica visivelmente desconfortável e diz, sorrindo, que “Essa geralmente é uma das perguntas que a gente não faz para pessoas trans. São coisas que a gente prefere deixar para lá”.

Outra situação do programa é quando Caco Barcelos se encontra com a cartunista Laerte Coutinho, antes de um debate sobre sexualidade em que ela falaria. Caco a questiona (PROFISSÃO REPÓRTER, 2014, 7'14'') se deveria chamar de *a* ou de *o* Laerte, e ela responde em tom de brincadeira, “Como você se sentir mais à vontade. Eu não estou corrigindo as pessoas, sabe? O que sair, saiu. Não é gafe, não é problema nenhum”. Poucos momentos depois, a narração de Caco Barcelos define homofobia como o “preconceito contra gays, travestis e transexuais” (PROFISSÃO REPÓRTER, 2014, 7'27''), algo que foi extremamente criticado por toda a comunidade LGBT, pois o termo homofobia não é o

termo correto para ser usado quando se trata de um preconceito contra transexuais e travestis. Ainda com Laerte é possível perceber certo desconforto durante o debate que ela participava em São Paulo. Laerte se mostra totalmente desconfortável com a situação e não consegue falar nada relacionado ao assunto, nem mesmo responder perguntas feitas pelo público (PROFISSÃO REPÓRTER, 2014, 7'36"). Quando um dos presentes questiona "Queria que você comentasse um pouco sobre o movimento LGBT", a cartunista, visivelmente desligada de toda a discussão, responde: "Não estou conseguindo me expressar. Desculpe, tá?". Encerrado o debate, Caco Barcellos acompanha Laerte até a saída e indaga sobre o motivo do silêncio. "Posso saber por que você resolveu não falar, o que que está havendo com você hoje?" e tem, de maneira desconcertada, a resposta, "Eu não resolvi não falar, eu não consegui falar. (...) Eu não sei, acontece de vez em quando, isso já aconteceu algumas vezes em público, meu cérebro encolhe" (PROFISSÃO REPÓRTER, 2014, 8'06"). Aqui a situação é extremamente desconfortável, porque Laerte demonstra que não quer falar sobre o assunto, que não sabe o que aconteceu e que quer ir para casa, mas mesmo assim existe uma pressão de Caco Barcellos por respostas e tudo acontece com a câmera ligada.

Ainda neste mesmo bloco, a repórter Eliane Scardovelli visita novamente a família de Jay, e agora o menino já se mostra mais confortável e acostumado com a presença dos estranhos em sua casa, começando a interagir com a repórter e com o cinegrafista (PROFISSÃO REPÓRTER, 2014, 11'09"). A repórter conversa sozinha no carro com o cinegrafista, e diz "você olha pro Jay e você não fala que é uma menina, só que quando ele crescer, vai ser mais difícil", essa frase fez com que a postura da repórter fosse bastante criticada nas redes sociais.

Ainda no primeiro bloco (PROFISSÃO REPÓRTER, 2014, 13'23") é possível acompanhar mais uma cena desconfortável. Christian da Silva, homem transgênero que inicia seu tratamento para mudança de sexo em um ambulatório da sua cidade, se mostra extremamente incomodado quando uma enfermeira se refere a ele como ela. "Lá fora eu até entendo as pessoas me confundirem, eu sempre corrijo, mas aqui dentro é constrangedor, porque as pessoas são treinadas pra isso", opina.

Agora partindo para a análise do segundo bloco, são poucos os erros e situações desconfortáveis que foram encontradas. A repórter Eliane Scardovelli visita Avery, uma menina trans\* do estado do Kansas, que se mostra totalmente à vontade para falar sobre sua transexualidade (PROFISSÃO REPÓRTER, 2014, 23'35”), ao contrário da reação inicial de Jay. Os pais de ambas as crianças contam histórias semelhantes, em que as crianças desde muito pequenas manifestaram o desejo de pertencer ao outro gênero. Segundo a pesquisa de Jaqueline Gomes de Jesus, a idade da epifania pode variar bastante, mas é comum a todos os entrevistados que a aparência foi um dos fatores decisivos para que as crianças percebessem que seu gênero não se adequava ao seu sexo.

A aparência é um aspecto fundamental de toda essa discussão, e se evidencia nos relatos. Ela, como marcador físico de gênero, é considerada muito importante no discurso das pessoas trans, que desde muito jovens são levadas, mais do que pessoas que não são trans, a perceberem os paradoxos entre suas vivências e as noções prevaletentes de masculinidade, feminilidade, masculino e feminino (JESUS, 2013, p. 11).

A repórter Eliane Scardovelli narra, ainda no primeiro bloco, que aos 2 anos de idade Jay dizia “Eu sou menino”, ao contrário do que era esperado até então. Ele passou a pedir para se vestir com roupas de meninos, e manifestou o desejo de cortar o cabelo. O nome social, Jay, também foi escolhido por ele e aceito pela família, assim como as mudanças na sua aparência. Já quando narra a história da menina, no segundo bloco, Eliane comenta que Avery teve a idade da epifania aos 5 anos e escolheu manter seu nome de registro. Ela é alguns anos mais velha do que Jay, e conta que adora usar vestidos e acessórios cor de rosa e lilás. A maneira com que cada uma dessas crianças lida com a própria transexualidade diverge, como foi apresentado e analisado neste estudo. Enquanto Jay relutava em falar com a repórter inicialmente, que tenta não pressioná-lo e busca conversar sobre outros assuntos, Avery se mostrou, desde o início da entrevista, confortável em falar sobre a sua transexualidade, inclusive interrompendo a mãe para contar sua própria história.

No caso de Jay, talvez o principal problema tenha sido a câmera e pessoas totalmente desconhecidas em sua casa lhe fazendo perguntas. Como dito anteriormente, a comunidade LGBT se manifestou contrária à forma como o menino foi, de certa forma,

pressionado e representado no programa. Era nítido que o garoto não se sentia à vontade com toda aquela situação, e mesmo que a repórter tenha esperado até que ele se sentisse confortável para falar espontaneamente, a ação foi vista como invasiva e desrespeitosa. Houve diversas críticas nas redes sociais e textos de repúdio em blogs que tratam da transexualidade no Brasil. Com Avery, a câmera e as pessoas nunca antes vistas pareciam convites para falar mais sobre si mesma, e em momento algum existiu hesitação por parte da menina em falar sobre sua transexualidade. O tempo todo ela se mostrou confortável em contar sua história, e não teve pudor algum em interagir com a repórter.

Com Laerte, talvez a restrição em falar durante o debate não tenha sido com a equipe do programa, as câmeras ou nada do tipo. Aqui é muito possível que o problema tenha sido o público em questão, já que enquanto conversava individualmente com Caco, antes do debate, se mostrou tranquila e segura em falar sobre o assunto.

As principais críticas ao programa foram pela forma como os transexuais ou transgêneros são representados, muitas vezes como seres exóticos. Não é de hoje que a mídia enfrenta problemas nas representações de homossexuais, bissexuais e transexuais. São vários os motivos para isso acontecer, que vão desde a identidade do veículo em questão, seu posicionamento em relação a esse grupo social, a visão da maioria de seu público-alvo e até o posicionamento do próprio jornalista que realiza a reportagem com o tema. Como em qualquer outro assunto que gera discussões, tratar midiaticamente do movimento LGBT apresenta suas tensões e áreas de risco, pois são pessoas que sofrem violências diariamente e o menor deslize em alguma informação pode aumentar a insegurança ou afetar negativamente crianças e adolescentes que ainda estão se descobrindo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A imprensa representa uma via de duas mãos quando se tem em pauta a sexualidade, podendo servir tanto para divulgação positiva e enobrecimento da causa, como pode enraizar ainda mais o preconceito já presente na sociedade brasileira. Pode servir como holofote para denúncias sobre agressões físicas e verbais contra membros do grupo LGBT, mas, em contrapartida, se for tratado de maneira errônea, pode reafirmar que tal ato

é algo banal e já frequente. Outro problema na mídia é que muitas emissoras são ligadas a partidos políticos ou instituições religiosas, o que vai moldar muito a forma como a questão pode ser retratada – isso quando o assunto não é simplesmente ignorado. Levando em consideração que para as instituições religiosas e para alguns políticos a homo, bi e transexualidade são tratadas como anormalidades, veículos que tenham algum tipo de relação com estes sofrem influência direta em seu discurso, para que não haja cortes e retaliações. Muitas vezes, os chefes de edição aceitam o que lhes é imposto de acordo com a visão da instituição.

A sexualidade é alvo de discursos de verdade, encontra-se na vida social todo um conjunto de atores sociais que, partindo de princípios e/ou fins morais, educativos, políticos, médicos ou religiosos, tem no combate à homossexualidade e aos direitos LGBT uma estratégia fundamental de reafirmação da norma de gênero e sexual. Esses discursos circulam na vida social reforçando e mesmo legitimando saberes e comportamentos homofóbicos, para os quais inclusive a conquista de direitos surge como disruptura da família e das instituições sociais (FOUCAULT, 2006 p. 21).

Lentamente, a comunidade LGBT vem ganhando seu espaço na mídia, tanto no entretenimento quanto no jornalismo. O problema da representação na edição do Profissão Repórter sobre transexualidade é que ela ainda acontece de forma estereotipada, o que só reforça a ideia que a sociedade tem sobre esse grupo, fortalecendo o preconceito. Segundo Leal e Carvalho (2012), a diversidade de identidades sexuais, de gêneros e das realidades culturais a elas ligadas faz ver que não só a homofobia se manifesta diferentemente, como sua emergência será percebida e “capturada” pelas redes noticiosas conforme um julgamento que considera, entre outros fatores, sua relevância, sua representatividade e também as possibilidades de adequação a critérios de noticiabilidade. E a repercussão negativa do programa Profissão Repórter exibido no dia 18 de novembro de 2014 abordando o tema da transexualidade, foi justamente por problemas com termos usados e explicações rasas, ou seja, foi feita uma abordagem do assunto de maneira demasiadamente superficial. Os depoimentos de pessoas trans\* depois da exibição do programa mostraram que, de fato, muito pouco desse vasto campo da realidade de pessoas transexuais foi explorado. Não foram mostrados os preconceitos e as agressões, tanto físicas quanto verbais, sofridas por membros da comunidade LGBT. É claro que o assunto estar em pauta

em uma grande emissora já é importante, mas para a maioria dos transexuais ou transgêneros, não basta apenas colocar as pessoas na mídia se elas ainda são retratadas como exóticas; se for dessa maneira, todo esse processo só vai corroborar o estereótipo já implantado na sociedade e a visibilidade vai ser usada para prejudicar ainda mais esses grupos.

É claro que a aproximação a questões complexas e que estão em constante adaptação não é algo simples, muito menos no âmbito jornalístico, onde tudo precisa ser muito bem pensado para ser colocado em circulação. Esta é uma tarefa bastante desafiadora e que exige diversas precauções de repórteres, editores e até mesmo do público.

## REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice. **Sexualidade e experiências trans**: do hospital à alcova. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v17n10/15.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2015.

FERREIRA, Fábio Augusto; SERRA, Victor Siqueira. **Representação das pessoas trans\* na mídia e suas implicações sociológicas**. 2013. 13 f. - Departamento de Direito Público, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Franca, 2013. Disponível em: <[http://www.academia.edu/6768837/Representação\\_das\\_pessoas\\_trans\\_na\\_mídia](http://www.academia.edu/6768837/Representação_das_pessoas_trans_na_mídia)>. Acesso em: 09 jul. 2015.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 1**: a vontade de saber. 17. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

GOMES, Itania Maria Mota (Org.). **Gênero televisivo e modo de endereçamento no telejornalismo**. Salvador: Edufba, 2011. 284 p. Disponível em: <[http://poscom.tempsite.ws/wp-content/uploads/2011/05/livro\\_Generos-televisivos-e-modos-de-endereçamento-Edufba-2011.pdf](http://poscom.tempsite.ws/wp-content/uploads/2011/05/livro_Generos-televisivos-e-modos-de-endereçamento-Edufba-2011.pdf)>. Acesso em: 22 nov. 2015.

FACCHINI, Regina; CARRARA, Sergio; RAMOS, Silvia. **Política, direitos, violência e homossexualidade.**: Pesquisa 9: Orgulho LGBT SÃO PAULO. São Paulo. 2005.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Crianças trans**: memórias e desafios teóricos. 2013. 14 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia Social, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em: <<http://www.uneb.br/enlacandosexualidades/files/2013/06/Crianças-trans-memórias-e-desafios-teóricos.pdf>>. Acesso em: 09 jul. 2015.

LEAL, Bruno Souza & CARVALHO, Carlos Alberto. **Jornalismo e Homofobia no Brasil:** mapeamento e reflexões. São Paulo: Intermeios, 2012. 130 p.

LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto. **Sobre jornalismo e homofobia ou: pensa que é fácil falar?** 2009. 12 v. Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2009. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/214/353>>. Acesso em: 23 set. 2015.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão:** a vida pelo vídeo. São Paulo: Moderna, 1988. 119 p.

MARIUSSO, Victor Hugo S. G.; SOTANA, Edvaldo Correa. **Análise Jornalismo e Homofobia no Brasil:** mapeamento e reflexões. 2013. 125 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Mato Grosso do Sul, 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/nequem/article/view/24670/13730>>. Acesso em: 24 set. 2015.

MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer e a Sociologia:** o desafio de uma analítica da normalização. 2007. 33 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf>>. Acesso em: 09 jul. 2015.

PROFISSÃO REPÓRTER. **Transexualidade.** Rio de Janeiro: Globo, 18 de novembro de 2014. Programa de TV.